Consumo e Distinção Social no Campo Cultural da Música: um estudo em Minas Gerais

Autoria

Aline Pereira Sales Morel - alinepereirasales@gmail.com

Prog de Pós-Grad em Admin - PPGA/UFLA - Universidade Federal de Lavras

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Avançado Três Corações

Daniel Carvalho de Rezende - rezendedc@gmail.com

Prog de Pós-Grad em Admin - PPGA/UFLA - Universidade Federal de Lavras

Alessandro Silva de Oliveira - alessandro.si@gmail.com

Campus CPCS/UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agradecimentos

Agradecimentos a FAPEMIG pelo apoio financeiro para participação no EMA 2018

Resumo

O presente estudo tem por objetivo identificar a relação do consumo cultural de música com o capital cultural e buscar evidências acerca da presença de onívoros culturais. Para tanto, 1.168 pessoas foram consultadas por meio da aplicação de questionários semiestruturados em Belo Horizonte, Juiz de Fora e Lavras. Os dados foram analisados por meio do teste qui-quadrado, da análise de frequências e da análise multivariada de correspondência múltipla. O capital cultural se revelou como a variável de maior influência sobre o gosto musical por gêneros de status, reforçando os argumentos de Bourdieu (1984) acerca da divisão social do gosto. Em aos onívoros culturais (Peterson, 1992), os resultados não rejeitaram a sua existência, porém, eles apareceram em um número bastante reduzido. Argumenta-se, portanto, que é por meio da homologia que as diferenças de gosto musical, no contexto estudado, ganham maior poder de explicação.

Consumo e Distinção Social no Campo Cultural da Música: um estudo em Minas Gerais

Resumo
O presente estudo tem por objetivo identificar a relação do consumo cultural de música com o capital cultural e buscar evidências acerca da presença de onívoros culturais. Para tanto, 1.168 pessoas foram consultadas por meio da aplicação de questionários semiestruturados em Belo Horizonte, Juiz de Fora e Lavras. Os dados foram analisados por meio do teste qui-quadrado, da análise de frequências e da análise multivariada de correspondência múltipla. O capital cultural se revelou como a variável de maior influência sobre o gosto musical por gêneros de status, reforçando os argumentos de Bourdieu (1984) acerca da divisão social do gosto. Em aos onívoros culturais (Peterson, 1992), os resultados não rejeitaram a sua existência, porém, eles apareceram em um número bastante reduzido. Argumenta-se, portanto, que é por meio da homologia que as diferenças de gosto musical, no contexto estudado, ganham maior poder de explicação.

Palavras-chave: Consumo de Status. Música. Distinção Social.

INTRODUÇÃO

O entendimento da mecânica e das consequências sociais do consumo utilizado para expressar a posição social (comumente denominado de consumo de *status* ou consumo de estilo de vida) tem sido o centro de um rico debate teórico (BOURDIEU, 1984; SIMMEL, 1904; VEBLEN, 1899).

A mais reconhecida teoria relativa ao consumo de status teve início com os estudos de Bourdieu (1984). A variável capital cultural, principal foco da análise do autor, consiste de um conjunto de gostos, habilidades, conhecimentos e práticas distintivos e raros, que existe em três formatos básicos: a) corporificado, por meio de conhecimento prático, habilidades e disposições; b) objetificado, por meio de objetos culturais; c) institucionalizado, por meio de diplomas e certificados que assegurem a sua. Destarte, o capital cultural descreve o processo sistemático pelo qual indivíduos escolarizados, nas formas legítimas de cultura, possuem vantagens sobre as classes populares e trabalhadores, que não têm acesso a essas formas legítimas de cultura. (BOURDIEU, 1984).

Ao longo do tempo, novos elementos foram lançados no debate sobre capital cultural, inclusive, contestando a teoria de Bourdieu. Peterson (1992), por exemplo, estruturou a tese do "onívoro cultural", segundo o qual indivíduos da classe média educada tenderiam a apresentar gostos ecléticos, ou seja, que abarcam tanto a cultura popular como a erudita. Para esse autor, com as mudanças tecnológicas, que impulsionaram e ampliaram as possibilidades de acesso digital, a informação se proliferou e reproduziu de forma mais completa. Nesse sentido, o novo capital cultural estaria baseado no domínio e conhecimento de diversas formas de cultura, sendo que a distinção residiria na capacidade do indivíduo em transitar entre as diversas formas de expressão cultural.

Desde então, diversos estudiosos têm buscado evidências empíricas que confirmam (Benzecry e Collins, 2014; Wilks, 2013; Atkinson, 2011 e Tampubolon, 2008) ou que contestam (Coulangeon, 2015; Herrera-Usagre, 2013; Graham, 2011) a tese da homologia.

Vale dizer que, entre as áreas de consumo (mais comumente denominadas de campos) estudadas por Bourdieu (1984), destacam-se os chamados campos culturais. Entre os campos culturais mais estudados destacam-se a literatura, a pintura, o cinema, a televisão e a música. Optou-se nesse estudo pelo campo da música, tendo em vista a sua relevância econômica e cultural nos dias atuais. Além disso, nesse campo as mudanças nos padrões de gosto e consumo têm sido marcantes nos últimos anos, devido ao crescimento da internet e da digitalização das formas musicais. Coulangeon (2013) acrescenta que o crescimento no número de ouvintes em todos os tipos de música, de 1981 a 2008, se relaciona à proliferação

de dispositivos técnicos para ouvir música, o que promoveu a difusão mundial desse hábito na vida cotidiana.

É nesse contexto que se insere o desenvolvimento deste estudo, que tem por objetivo: **identificar a relação do consumo cultural de música com o capital cultural e buscar evidências acerca da presença de onívoros culturais.**

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos 25 anos, o trabalho de Bourdieu (notadamente, *Distinction*, 1984) revitalizou os estudos sobre consumo de status por meio de um modelo multidimensional com evidências empíricas da sociedade francesa dos anos 1960. Segundo Bourdieu, os julgamentos de gostos e de preferências não são o reflexo da estrutura social, mas um meio de afirmar ou de conformar uma vinculação social. Em *Distinction*, ele expõe duas ideias centrais. De um lado, as relações de poder como categoria de dominação são analisadas pela metáfora do capital cultural no qual se apoia o princípio de reprodução social. De outro, o entrecruzamento das relações de poder com as várias formas de ações organizadas favorece a capacidade dos indivíduos para elaborar estratégias que, contudo, não ultrapassam as relações de desigualdades sociais (SOUZA, 2004; VASCONCELLOS, 2002).

Para Bourdieu, a vida social pode ser concebida como um jogo multidimensional de status em que as pessoas fazem uso de três tipos de recursos (capital econômico, social e cultural). O capital cultural, principal foco da análise, consiste de um conjunto de gostos, habilidades, conhecimentos e práticas distintivos e raros, que existe em três formatos básicos: a) corporificado, por meio de conhecimento prático, habilidades e disposições; b) objetificado, por meio de objetos culturais; c) institucionalizado, por meio de diplomas e certificados que assegurem a sua posse (BOURDIEU, 1984

A diferenciação entre cultura legítima, ou alta cultura, relacionada a classes mais altas, e cultura popular, preferida pelas classes trabalhadoras, é um dos principais focos de análise de Bourdieu por meio de extensivo trabalho empírico. O capital cultural é acumulado e reproduzido, segundo Bourdieu, fundamentalmente, mas não somente pelo sistema educacional (BOURDIEU, 1984; HOLT, 1998).

Um refinamento importante da obra de Bourdieu é feito por Peterson (1992), que lança novos elementos no debate sobre capital cultural ao criar o conceito de "onívoro cultural", representando indivíduos da classe média educada, cujos gostos se espalham tanto por cultura popular quanto erudita. Esse ecletismo poderia ser uma nova forma de distinção, sendo que o domínio e conhecimento de diversas formas de cultura seria o capital cultural num novo formato, diferente do esnobismo da cultura legítima apresentado por Bourdieu. O onívoro cultural seria uma estratégia diretamente ligada às mudanças tecnológicas, que democratizam de certa forma o acesso cultural. A mídia digital permite o acesso a formas culturais legítimas de forma mais universal e barata. Assim, a informação se prolifera e se reproduz de forma mais complexa do que em períodos anteriores (LASH, 2002).

O que se observa na revisão de literatura é que alguns estudos argumentam em favor da tese da homologia e demonstram por meio de resultados empíricos que a distinção do gosto no campo musical ainda se estrutura conforme a teoria de Bourdieu (Atkinson, 2011; Benzecry e Collins, 2014; Tampubolon, 2008; Wilks, 2013). Em oposição, alguns autores têm obtido resultados que contribuem para o argumento de Peterson, segundo o qual na sociedade contemporânea as classes mais altas se diferenciam das demais classes pelo gosto amplo, que abarca tanto os gêneros eruditos quanto os populares (Chan e Goldthorpe, 2007; Graham, 2011; Herrera-Usagre, 2013).

Diante disso, é possível afirmar que o campo de estudos sobre consumo de status ainda se apresenta como terreno fértil para novas investigações, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil. Conforme apresentado, raros são os estudos nacionais

dedicados a essa temática, sendo que nenhum dos estudos encontrados se propôs a testar a tese da homologia no Brasil. Internacionalmente, embora diversas pesquisas tenham sido realizadas, observa-se que os resultados ainda não se apresentam suficientemente consolidados, tampouco esgotados. Por isso, de forma a contribuir com essas discussões, buscou-se no presente estudo testar a tese da homologia, confrontando-a com a teoria do onívoro cultural. Os procedimentos para realização da pesquisa são descritos na seção a seguir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa classifica-se, segundo a proposição de Gerhardt e Silveira (2009), quanto a à abordagem, como quantitativa; quanto à natureza, como aplicada; quanto aos objetivos, como descritiva; e quanto aos procedimentos, como *survey*.

Na fase de coleta de dados do presente estudo, 1.168 pessoas foram consultadas por meio da aplicação de questionários semiestruturados. Os questionários foram aplicados em três cidades de Minas Gerais, a saber: Belo Horizonte (411 questionários), Juiz de Fora (333 questionários) e Lavras (424 questionários). Essas cidades foram escolhidas por conveniência e, também, para oferecer parâmetros de análise acerca de possíveis contrastes na composição sociodemográfica e, porventura, na cultura local. A elaboração do questionário foi fundamentada no trabalho de Bennett et al. (2009), Peterson (1992), bem como na escala de capital cultural de Holt (1998), adaptados à realidade brasileira.

A abordagem dos entrevistados das cidades de Lavras e Belo Horizonte foi feita, inicialmente, nas ruas, em diferentes pontos da cidade. Especificamente na capital, em virtude da sua extensão territorial, a coleta de dados foi distribuída entre as regiões: Oeste, Pampulha, Venda Nova, Norte, Noroeste, Barreiro, Centro Sul, Nordeste, Leste e Noroeste. Após ultrapassar 300 questionários e garantir a aproximação das cotas estabelecidas, a coleta foi continuada pela internet – por meio do envio de questionários *online*, em páginas locais nas redes sociais, além de contatos com conhecidos por e-mail. Já em relação à Juiz de Fora, a coleta se deu, inicialmente, pela internet (também por meio de redes sociais e contatos de e-mail) e, posteriormente, para garantir o cumprimento das cotas estabelecidas, foram aplicados questionários presencialmente.

Todos os questionários foram tabulados e, em seguida, analisados com o auxílio do Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Considerando os resultados do teste Kolmogorov-Smirnov, que atestou a não-normalidade dos dados, foram utilizadas a Análise Descritiva (frequências), o teste não paramétrico (qui-quadrado), além da Análise Multivariada de Correspondência Múltipla.

Cálculo do Capital Cultural

A definição do nível de Capital Cultural (CC) dos entrevistados foi realizada com base no trabalho de Holt (1998). A escala desenvolvida por esse autor atribui escores à escolaridade e ocupação do entrevistado e também à escolaridade e ocupação do seu pai. Considerando a crescente participação da mulher no mercado de trabalho e seu poder nas decisões de compra familiares, foi realizada uma adaptação do trabalho supramencionado, em consonância com Macedo (2014) e Costa Filho (2016), sendo considerada também a escolaridade e ocupação da mãe do entrevistado no cálculo do CC.

Para medir o Capital Cultural utilizou-se a seguinte fórmula:

$$CC=\left(\frac{OP+EP}{2}\right)+\left(\frac{OM+EM}{2}\right)+OE+EE$$

Ou seja, ocupação do pai (OP) somada a escolaridade do pai (EP) divido por dois, mais a ocupação da mãe (OM) somada a escolaridade da mãe (EM) dividido por dois, mais a

ocupação do entrevistado (OE) somada a escolaridade do entrevistado (EE). Dessa forma, os índices de Capital Cultural dos entrevistados variaram entre o escore mínimo de 4 e máximo de 22. Os níveis de Capital Cultural foram, então, definidos como alto ou baixo, na forma apresentada na Tabela 14.

Tabela 14 – Níveis de Capital Cultural

Nível de Capital Cultural	Intervalo
Baixo Capital Cultural	4-13
Alto Capital Cultural	14-22

Fonte: elaborado pelos autores.

Cálculo do Onívoro Cultural

Para estabelecer os critérios de classificação dos respondentes, no que tange a onivorosidade musical, foi feito, inicialmente, um levantamento dos estudos realizados sobre a temática, buscando identificar as definições de onívoro utilizadas pelos autores. Para fins desse estudo, foram considerados onívoros os indivíduos com alto capital cultural e que apreciam 10 ou mais gêneros musicais entre os 15 elencados. Vale dizer que alguns autores utilizam apenas a contagem do número de gêneros apreciados pelos respondentes. Mas, a escolha desse critério se justifica por entender que a consideração do capital cultural é relevante para uma abordagem mais completa do conceito proposto por Peterson (1992)[1].

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização da amostra

O perfil sociodemográfico dos participantes do presente estudo, que é formado, em sua maioria, por mulheres (52,1%), entre 20 e 39 anos (51%), com ensino médio (37,2%) e renda familiar mensal entre 4 e 10 salários mínimos (33,6%).

Influência do capital cultual no consumo cultural de música

Os resultados do presente estudo revelaram que os gêneros definidos como de status (jazz/blues, rock, MPB e clássica)[2] foram os que obtiveram maior correlação com a variável capital cultural, assim como o gosto por pop, heavy metal e, em menor medida, samba e reggae. A esse respeito, faz-se importante ressaltar que a relação de proximidade desses gêneros com os gêneros de status e os indivíduos com capital cultural, renda e escolaridade elevados serão novamente analisados e pormenorizados na análise de correspondência múltipla. Em relação aos indivíduos com baixo capital cultural, observa-se que estes tendem a apreciar gêneros populares, como sertanejo, pagode e gospel. A análise de correlação também revelou que os indivíduos com maior capital cultural tendem a frequentar mais shows e eventos musicais e a gastar mais para adquirir música, se comparados com os indivíduos de menor capital cultural.

Partindo para um refinamento analítico, a variável capital cultural foi subdividida em uma escala de nível baixo, alto e muito alto. Tal subdivisão objetivou a realização de um comparativo entre a relação do capital cultural com o gosto por gêneros de status Tabela X.

Tabela X. Gosto dos respondentes pelos gêneros de status, de acordo com o CC

	CC baixo (%)	CC alto (%)	CC muito alto (%)
Gostam dos 4 gêneros de status	15,5	38,3	50,9
Gostam de 3 gêneros de status	17,0	23,4	26,3
Gostam de 2 gêneros de status	24,5	17,6	14,0
Gostam de 1 gênero de status	22,7	13,7	3,5

Não gostam de nenhum gênero de status	20,3	7,0	5,3

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme se observa, a apreciação por gêneros de status tende a aumentar com a elevação no nível de capital cultural do respondente. Enquanto mais da metade dos respondentes com capital cultural muito alto e quase 40% dos respondentes com capital cultural alto apreciam os 4 gêneros de status, apenas 15% dos respondentes com capital cultural baixo apresentam esse padrão de gosto. O percentual de respondentes que não gostam de nenhum gênero de status também é consideravelmente superior entre os respondentes com capital cultural baixo, se comparados com os demais.

Quando comparamos os resultados obtidos com os de estudos realizados em países mais desenvolvidos, esses resultados também se mostram consonantes. Conforme destaca Bordieu (1984), ainda que o gosto também possa ser relacionado ao capital econômico, é com o capital cultural sua principal relação, uma vez que gosto permanece estável, mesmo quando a renda das pessoas aumenta ao longo do tempo, o que indica o efeito de determinadas normas e valores culturais, além do próprio efeito da transmissão inter-geracional do capital cultural, como apontado por Herrera-Usagre (2013).

O capital cultural, portanto, se revelou como uma variável que exerce significativa influência no gosto dos respondentes. Quanto maior o nível de capital cultural dos indivíduos, mais chances eles apresentam de apreciarem gêneros de status. Esse resultado confirma a teoria de Bordieu (1984), acerca da importância do capital cultural na poderosa divisão entre alta cultura e cultura popular, e seus efeitos de desigualdade.

Onívoros Musicais: em busca de evidências empíricas

Conforme destaca Peterson (2005) a operacionalização e medição do onívoro têm sido feitas de diferentes formas, com diversas implicações para os resultados, o que dificulta comparações entre estudos. Conforme já ressaltado, muitos estudos consideram o onívoro musical apenas pela sua amplitude de gosto, ou seja, pela quantidade de gêneros musicais diferentes apreciados pelo respondente. Porém, a consideração do capital cultural elevado, juntamente com a amplitude de gostos, contribuiu para uma abordagem mais fidedigna ao conceito originalmente proposto.

Os resultados da análise de cruzamento entre os onívoros com as variáveis sociológicas revelaram diferenças significativas em relação à renda e idade[3]. Nesse sentido, descobriu-se que os onívoros tendem a ser mais jovens (20 a 39 anos) e apresentar renda superior (acima de 4 salários mínimos), se comparados aos não-onívoros; com significância de 0,038 e de 0,031, respectivamente.

Favaro e Frateschi (2007) também observaram em seu estudo que os onívoros tendem a ser mais jovens. Mas, resultado oposto também foi obtido por Chan e Goldthorpe (2007). Coulangeon (2015) sinaliza uma distinção entre a onivorosidade de indivíduos jovens e mais velhos que merece ser destacada.

Chan e Goldthorpe (2007) também identificaram em seu estudo a relação da renda com a onivorosidade. Já em Katz-Gerro e López-Sintas (2007), a renda apresentou baixo nível de significância estatística em relação à onivorosidade. Coulangeon e Lemel (2007), por sua vez, não observaram diferenças significativas. Observa-se, portanto, que não é possível identificar na literatura consonância de resultados quanto à influência da renda no consumo musical onívoro, o que, em certa medida, desafia os argumentos de Peterson (1992).

Ainda em busca de evidências que confirmem ou refutem a tese do onívoro cultural e, considerando que no conceito de Peterson (1992) a elite onívora marca distinção pela apreciação tanto de gêneros clássicos como populares, buscou-se analisar o gosto musical dos onívoros. O teste qui-quadrado revelou que os onívoros tendem a gostar mais dos gêneros

musicais de status, tais como rock, clássica, jazz e blues e MPB, se comparados com os não-onívoros. Além desses gêneros, eles tendem a gostar mais de pop, pagode, samba, funk, hip hop/rap, reggae, axé, eletrônica e heavy metal.

A teoria de Peterson (1996) sustenta, ainda, que o gosto onívoro da elite estaria em oposição ao gosto unívoro das classes inferiores. Segundo o autor, as classes mais baixas tendem a defender com vigor sua preferência restrita (unívora) por gêneros musicais de status inferior.

Destarte, ao confrontar a teoria com os resultados do presente estudo foi possível observar que os respondentes com perfil unívoro (que afirmaram gostar de apenas 1 ou 2 gêneros musicais entre os 15 elencados)[4], apresentam, de forma geral, baixo capital cultural, menor escolaridade (ensino fundamental e médio) e renda (de 2 a 4 salários mínimos). A idade se mostrou bastante variada (de 18 a 72 anos) e o sexo feminino sobressaiu em relação ao masculino. O gênero musical "defendido", majoritariamente, por esse grupo é a música religiosa (gospel), seguido pelo sertanejo, de forma menos expressiva. Nenhum outro gênero se destacou na avaliação dos respondentes. Destarte, esses resultados confirmam os achados de Peterson, embora seja importante destacar que apenas 23 entrevistados (menos de 2% do total de respondentes) corresponderam ao perfil unívoro apresentado.

Contudo, em consonância com Bennet et al. (2009), argumenta-se que a estrutura de gostos e desgostos se revela muito mais complexa do que a relação dicotômica entre onívoros e unívoros permite-nos analisar. Embora tenham sido verificadas tendências de onivorosidade entre os respondentes com capital cultural alto e de univorosidade entre os respondentes com capital cultural baixo, nota-se que o quantitativo ainda é discreto em comparação com o montante total de respondentes.

Portanto, embora o onívoro, nos termos de Peterson (1992), não possa ser uma teoria refutada, nota-se no contexto estudado que ele ainda apresenta pouca representatividade. Considerando todas as análises realizadas até o momento, a tese da homologia, proposta por Bourdieu (1984), parece explicar com mais fidedignidade a distribuição simbólica do gosto musical no contexto estudado. Na sequência, por meio da Análise de Correspondência Múltipla, buscar-se-á evidências que sustentem (ou rejeitem) essa hipótese.

Análise de Correspondência Múltipla

De forma a avaliar as relações entre os gostos musicais, por meio da visualização gráfica das distancias simbólicas entre os itens, foi realizada a Análise de Correspondência Múltipla (MCA[5]). A MCA abarcou 1157 respondentes, uma vez que 11 pessoas foram retiradas da amostra inicial por não terem respondido a 4 ou mais questões.

Por meio da análise dos autovalores de cada eixo, tornou-se possível definir o número de eixos necessários para oferecer um panorama adequado do espaço de análise. Optou-se no presente estudo pela discussão dos dois primeiros eixos, devido à maior representatividade destes (44,3% de explicação). Vale dizer que foi testado um número elevado de dimensões, a fim de analisar o comportamento dos valores próprios[6].

Tabela X – Medidas Alpha de Cronbach, Autovalor e Inércia

Dimensão (eixo)	Total(Autovalor)	Inércia
1	3,791	,253
2	2,853	,190
3	2,163	,144
4	1,858	,124
Total	10,664	,711

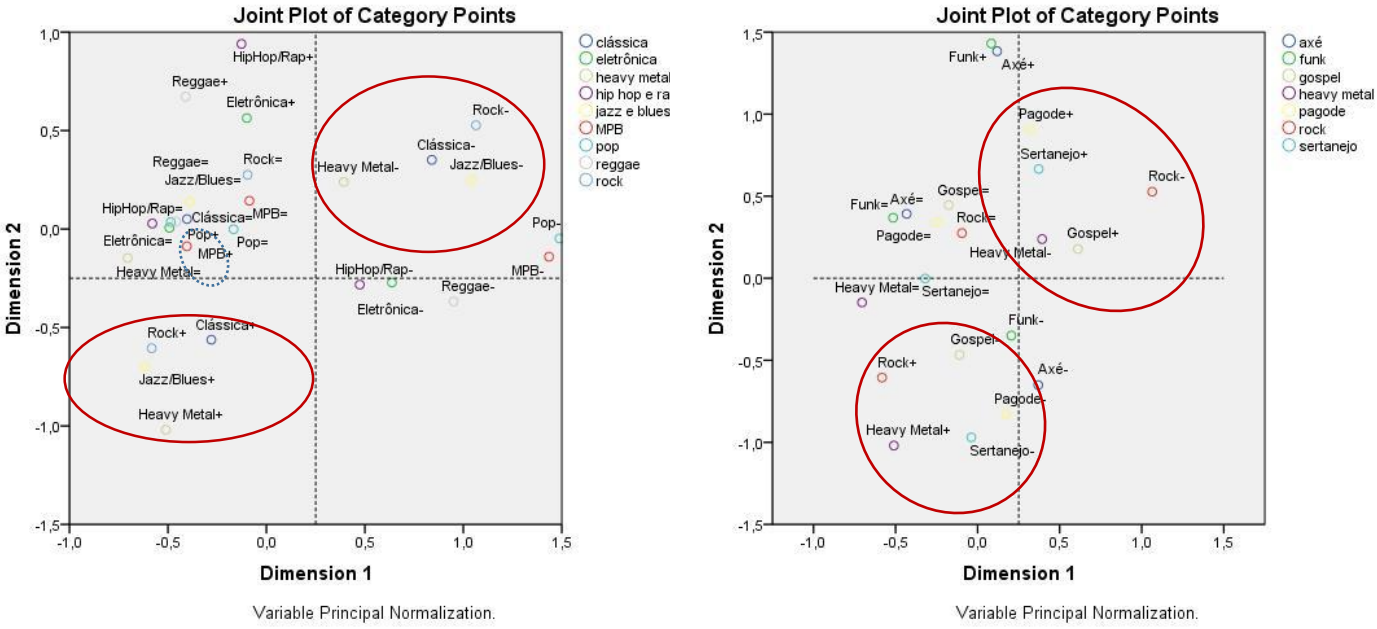
Fonte: dados da pesquisa

Para determinação das variáveis que mais contribuem na explicação de cada eixo

foram analisadas as medidas de discriminação, sendo consideradas na interpretação dos resultados as variáveis cuja contribuição ao eixo era maior que a contribuição média, seguindo Bennet et al. (2009). Destarte, os gêneros musicais jazz/blues, reggae, rock, pop, MPB, clássica, eletrônica, heavy metal, hip hop/rap são, respectivamente, as variáveis mais importantes para explicação da dimensão 1. Já os gêneros musicais axé, pagode, sertanejo, funk, rock, gospel e heavy metal são, respectivamente, as variáveis mais importantes para explicação da dimensão 2.

Tendo determinado as variáveis que mais contribuem com cada uma das dimensões estudadas, torna-se possível analisa-las a partir da geração de mapas perceptuais. Desta forma, apresenta-se na Figura X as coordenadas de cada uma das categorias que contribuem significativamente (acima da média) para os dois primeiros – e mais importante – eixos (direita e esquerda; superior e inferior). Vale lembrar que o sinal negativo acompanhado do gênero musical significa desgosto, o sinal positivo significa gosto e o sinal de igual significa neutralidade. Vale, ainda, ressaltar que o gráfico não deve ser interpretado como um ordenamento de gostos, uma vez que ele representa distanciamentos e proximidades. (BENNETT, et al., 2009).

Figura X – MCA: eixos 1 e 2, indicando variáveis que contribuem para o eixo 1 e 2



Fonte: dados da pesquisa

Observa-se que todas as demonstrações de alto gosto estão dispostas no lado esquerdo, assim como as abstenções, enquanto todas as demonstrações de desgosto estão no lado direito. Pode-se observar, ainda, uma clara relação de oposição entre o gosto por gêneros de status (como rock, clássica, jazz e blues) e a repulsa por estes gêneros. Nesse sentido, o primeiro e mais importante eixo revela, por um lado, as relações de proximidade entre gêneros de status e, por outro lado, a clara oposição entre aqueles que apreciam e aqueles que não apreciam esses gêneros musicais.

Também é interessante observar que a MPB se mostrou separada no espaço gráfico dos demais gêneros de status, estando, inclusive, bastante próxima do gênero pop. Esse resultado pode ser um indicativo da sua relativa "popularidade" entre a amostra estudada, no sentido de que esse gênero figurou entre um dos mais apreciados pelos respondentes e com menor rejeição. Mas, vale dizer, essa "popularidade" deve ser assumida com a ponderação de

que tende a se revelar mais nos relatos de preferência do que nos hábitos de consumo.

No gráfico também é possível observar a proximidade do gênero heavy metal em relação aos gêneros de status. Nesse sentido, embora o heavy metal apresente alta rejeição entre todos entrevistados, a análise gráfica revela sua proximidade simbólica com os gêneros musicais que detém características distintivas. Fatores como a correlação direta do heavy metal com capital cultural e escolaridade elevados, além do seu entendimento como subgênero do rock, podem contribuir para essa aproximação simbólica. Diante disso, pode-se dizer que, diferentemente dos países desenvolvidos, no Brasil, o heavy metal ocupa uma posição próxima a dos gêneros musicais de status.

Já em relação às categorias que mais contribuem para o eixo 2 (superior e inferior), observou-se que, enquanto o primeiro eixo separa gostos e abstenções de desgostos, no eixo 2 gostos, desgostos e abstenções parecem misturados. Nesse último caso, é possível ver quase que uma imagem espelhada entre as dimensões superior e inferior.

Analisando a parte superior do mapa, observou-se a apreciação por gêneros populares contemporâneos, tais como o funk, axé, pagode e sertanejo e também por música gospel, e o desgosto pelos gêneros rock e heavy metal. Em uma clara oposição, o eixo inferior revelou que o gosto por rock e heavy metal também acompanha a desaprovação do sertanejo, pagode, axé, funk e gospel.

A relação próxima entre sertanejo e pagode também foi um achado no estudo desenvolvido pelo Ibope (2013)[7], cujos resultados revelaram que 81% dos respondentes que ouvem samba/pagode também ouvem sertanejo. Ainda segundo essa pesquisa, esses gêneros são mais apreciados por pessoas da classe C, que possuem ensino fundamental e idade entre 25 e 34 anos.

Vale lembrar, ainda, que, enquanto o rock apareceu relacionado aos gêneros de status no gráfico anterior, no segundo gráfico o sertanejo mostrou estreita relação com outros gêneros populares. Ainda, foi possível observar que a proximidade entre rock e heavy metal é corroborada neste gráfico, indicando a estreita relação entre ambos. Vale dizer que forte relação entre esses gêneros também foi observada no estudo desenvolvido por Bennet et al. (2009)[8].

Outro aspecto que merece ser destacado é a forma como se relacionam os gêneros gospel e funk. Notou-se pelo gráfico que, embora aqueles que não apreciam esses gêneros estejam proximamente posicionados, aqueles que os apreciam não revelam a mesma relação de proximidade. No estudo desenvolvido pelo Ibope (2013) a relação entre estes gêneros foi denominada “iguais tão diferentes”. Isso porque o perfil de apreciadores, em ambos os casos, era, majoritariamente, composto por pessoas pertencentes às classes sociais C, D e E, do sexo feminino, e com ensino fundamental incompleto. Por outro lado, para além da discrepância inerente aos ritmos desses gêneros, eles se diferenciavam quanto a faixa etária, sendo o funk preferido pelos mais jovens, enquanto o gospel era preferido pelos indivíduos mais velhos. Essa distância entre os gêneros também pode ser explicada por fatores religiosos, no sentido que as letras de funk, e a própria dança, podem ser entendidas por alguns como ofensivas ou indecorosas.

De forma geral, pode-se dizer que os mapas perceptuais indicam relações de proximidade entre gêneros culturalmente legitimados (ou de status), e em oposição a alguns gêneros populares. A relação entre heavy metal e rock também foi atestada, sugerindo ser este um gênero próximo daqueles que possuem características distintivas. Mas, ao contrário do que era esperado, a MPB não se manteve tão próxima aos demais gêneros de status, reiterando os resultados acerca de sua “popularidade” no Brasil, ao menos em termos de discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo identificar a relação do consumo cultural de

música com o capital cultural e buscar evidências acerca da presença de onívoros culturais. Neste sentido, o capital cultural se revelou como a variável de maior influência sobre o gosto musical por gêneros de status, reforçando os argumentos de Bourdieu (1984) acerca da divisão social do gosto. Conforme observado no presente estudo, o campo musical no contexto estudado, se divide entre indivíduos com capital cultural baixo, que apreciam majoritariamente gêneros populares, e indivíduos com capital cultural alto, que apreciam majoritariamente gêneros de status.

Em relação à identificação de onívoros culturais (Peterson, 1992) entre os respondentes do presente estudo, os resultados não rejeitaram a sua existência, porém, eles apareceram em um número bastante reduzido. Nesse sentido, entende-se que, embora essa teoria não possa ser refutada, no contexto estudado, ela ainda apresenta pouca representatividade e, portanto, não invalida a tese da homologia. Ressalta-se que o próprio Peterson (2005) reconheceu a retração do número de onívoros nas últimas décadas, ao contrário do que era esperado, fazendo com que sejam necessários novos estudos, especialmente longitudinais, para identificar novos padrões de consumo cultural no campo da música.

Por fim, a análise de correspondência múltipla confirmou a existência de uma acentuada divisão entre o gosto por gêneros musicais culturalmente legitimados e gêneros musicais populares. Desta forma, embora muitos estudiosos defendam a disseminação dos gêneros populares pela classe alta, o maior acesso e a tolerância, alinhados à teoria do onívoro cultural, é por meio da homologia e do gosto esnobe que as diferenças de gosto musical, no contexto estudado, ganham maior poder de explicação.

Faz-se importante ressaltar, ainda, que existem no Brasil importantes diferenças na estruturação do gosto musical de status em relação aos países desenvolvidos. Assim, para além da música clássica e do jazz e blues, um gênero nacional, a MPB, e outro popular no cenário musical internacional, o rock, assumem aqui a características distintivas. Outra descoberta interessante diz respeito ao heavy metal, que mostrou uma relação significativamente próxima com gêneros de status, em especial, o rock, jazz/blues e música clássica, indicando que esse gênero pode, também, carregar representações simbólicas distintivas.

REFERÊNCIAS

Atkinson, W. (2011). The context and genesis of musical tastes: Omnivorousness debunked, Bourdieu buttressed. *Poetics*, *39*(3), 169-186.

Bachmayer, T., Wilterdink, N., & van Venrooij, A. (2014). Taste differentiation and hierarchization within popular culture: The case of salsa music. *Poetics*, *47*, 60-82.

Banks, P. A. (2012). Cultural Socialization in Black Middle-Class Families.*Cultural Sociology*, *6*(1), 61-73.

Bennett, T., Savage, M., Silva, E.B., Warde, A., Gayo-Cal, M., & Wright, D. (2009). *Class, Culture, Distinction.* London: Routledge.

Benzecry, C., & Collins, R. (2014). The High of Cultural Experience: Toward a Microsociology of Cultural Consumption. *Sociological Theory*, *32*(4), 307-326.

Bourdieu, P. (1984) *Distinction***.** London: Routledge.

Coulangeon, P. (2013). Changing policies, challenging theories and persisting inequalities: Social disparities in cultural participation in France from 1981 to 2008.*Poetics*, *41*(2), 177-209.

Coulangeon, P. (2015). Social mobility and musical tastes: A reappraisal of the social meaning of taste eclecticism. *Poetics*, *51*, 54-68.

Coulangeon, P., & Lemel, Y. (2007). Is 'distinction' really outdated? Questioning the meaning of the omnivorization of musical taste in contemporary France.*Poetics*, *35*(2-3), 93-111.

Favaro, D., & Frateschi, C. (2007). A discrete choice model of consumption of cultural goods: the case of music. *Journal of Cultural Economics, 31*(3), 205-234.

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 120 p.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.

Graham, R. (2011). Jazz Consumption Among African Americans from 1982 to 2008. *Journal of Black Studies, 42*(6), 993-1018.

Herrera-Usagre, M. (2013). Intergenerational transmission of cultural skills and atitudes: adjusting the paradigm of cultural omnivorousness for Andalusia. *Revista Internacional De Sociologia, 71*(1), 143-167.

Holt, D. (1998). Does cultural capital structure American consumption? *Journal of Consumer Research***,** 25.

IBGE. (2010). *Censo 2010.* Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em janeiro/2018.

Lash, S. (2002). *Critique of information*. London: Sage.

Peterson, R. (1992). Understanding audience segmentation: from elite and mass to omnivore and univore. *Poetics*, 21, 243-258.

Peterson, R. A. (2005). *Problems in comparative research*: The example of omnivorousness. Poetics, 33, p.257–282.

SimmeL, G. (1904). Fashion.*International Quarterly*,v.10.

Souza, J. (2004). A gramatica social da desigualdade brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(54), 79-97.

Tampubolon, G. (2008). Distinction in Britain, 2001-2004? Unpacking homology and the 'aesthetics' of the popular class.*European Societies, 10*(3), 403-428.

Vasconcellos, M.D. (2002). Pierre Bourdieu: a heranca sociologica. *Educacao e Sociedade*, 23(78).

Veblen, T. [1899] (1980). *A teoria da classe ociosa*: um estudo econômico das instituições.São Paulo: Abril.

Wilks, L. (2013). Exploring social and cultural diversity within 'black British jazz' audiences. *Leisure Studies, 32*(4), 349-366.

[1] Conforme apresentado no referencial teórico, Peterson (1992) utiliza o conceito de onívoro para se referir aos indivíduos de elevado status social.

[2] A determinação dos gêneros a serem considerados como de status no presente estudo envolveu uma ampla pesquisa. Descobriu-se que, assim como a música clássica, jazz/blues também são assumidos como gêneros de status em diversos estudos (Chan e Goldthorpe, 2007; Coulangeon e Lemel, 2007, entre outros). No Brasil, além das músicas de concerto e do jazz, algumas formas de música popular conseguiram alcançar status semelhante nas hierarquias de qualidade musical. (TROTTA, 2005). Segundo pesquisa desenvolvida pelo IBOPE (2013), o rock e a MPB são gêneros de elite no Brasil.

[3] A variável escolaridade não foi incluída na análise por já fazer parte do cálculo do capital cultural, o que leva a inferir acerca da sua relação com a onivorosidade.

[4] Vale ressaltar que o unívoro se diferencia daquele que não aprecia nenhum gênero musical. Por isso, foi considerado o gosto por pelo menos um (até o limite de 2) dos 15 gêneros elencados para que o indivíduo fosse classificado como unívoro.

[5] Sigla do inglês *Multiple Correspondence Analysis*

[6] Conforme recomendação de Hair et al. (2009), observou-se que a inclusão do eixo 5 adicionaria um baixo percentual na variância explicada e aumentaria significativamente a complexidade de análise, por isso, 4 eixos foi considerada a quantidade ideal. Porém, por limitações de espaço, optou-se por apresentar nesse estudo os 2 eixos mais representativos.

[7] No estudo em questão, considerou-se samba e pagode de forma conjunta, ou seja, como uma única variável.

[8] Embora em países desenvolvidos, como na Inglaterra onde foi feito o estudo de Bennet et al. (2009), o rock seja considerado um gênero popular, no Brasil, ele se configura como um gênero elitizado e de status (IBOPE, 2013).